



Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação

ISSN: 2446-8606

ISSN: 1982-5587

bizelli@fclar.unesp.br; contato.riaee@gmail.com

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Brasil

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale

AMOROSIDADE, AUTOPOIESE E 'COM-VERSAÇÕES': A POTÊNCIA  
DOS 'ENTRELAÇOS NÓS' NA EDUCAÇÃO E NA CIÊNCIA

Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, vol.

16, núm. 4, 2021, Octubre-Diciembre, pp. 2358-2378

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Brasil

DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v16i4.15676>

Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=619869095007>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal  
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso  
abierto

## **AMOROSIDADE, AUTOPOIESE E ‘COM-VERSAÇÕES’: A POTÊNCIA DOS ‘ENTRELAÇOS NÓS’ NA EDUCAÇÃO E NA CIÊNCIA**

## ***AMOROSIDAD, AUTOPOIESIS Y ‘CON-VERSACIONES’: LA POTENCIA DEL ‘ENTRETEJIDO DEL NOSOTROS’ EN LA EDUCACIÓN Y LA CIENCIA***

## ***LOVINGNESS, AUTOPOIESIS AND ‘CONVERSATIONS’: THE POWER OF ‘WE INTERLACES’ IN EDUCATION AND SCIENCE***

Maria Luiza Cardinale BAPTISTA<sup>1</sup>

**RESUMO:** O texto tem caráter ensaístico, abordando a potência da amorosidade, da autopoiese e das ‘com-versações’, no acionamento dos ‘entrelaços nós’ na Educação e na Ciência. Traz o relato de reflexões, resultantes de percursos de aprendizagem direta com Humberto Maturana, em conexão com formação holística e esquitoanalítica. O ensaio fundamenta-se em produção científica de mais de 30 anos, em pesquisas, supervisões de escrita de teses, dissertações e monografias, em muitos universos de saberes, e orientações diretas de investigadores no Sul do Brasil, em Comunicação, Turismo e Hospitalidade. Relata emergências, urgências e potencialidades, expressas nas conversas e pesquisas do Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, que se acirram com as demandas para o mundo Pós-Pandemia Covid-19. Entre elas, está a urgência de uma ‘re-evolução’ amorosa, em termos reflexivos e de produção, em que os ‘nós’ – as conexões intensas e afetivas de seres e ecossistemas – sejam reconhecidos como a grande potência de reinvenção e como chance de sobrevivência da Educação, da Ciência e do Planeta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Amorosidade. Com-versações. Biologia cultural. Esquitoanálise.

**RESUMEN:** *El texto tiene un carácter ensayístico, abordando el poder de lo amoroso, de la autopoiesis y de las "con-versaciones", en la activación del "entretejido del nosotros" en la Educación y en la Ciencia. Trae el informe de las reflexiones, resultantes de los caminos de aprendizaje directo con Humberto Maturana, en relación con la educación holística y esquitoanalítica. El ensayo se basa en una producción científica de más de 30 años, en direcciones de investigación, tesis, disertación y redacción de monografías, en muchos universos del conocimiento, y en la orientación directa de investigadores en el Sur de Brasil, en Comunicación, Turismo y Hospitalidad. ¡Da cuenta de urgencias, emergencias y potencialidades, expresadas en las conversaciones e investigaciones de Amorcomtur! Grupo de Estudio sobre Comunicación, Turismo, Amorosidad y Autopoiesis, que se agudizan con las*

<sup>1</sup> Universidade de Caxias do Sul (UCS), Caxias do Sul – RS – Brasil. Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade e dos cursos de Comunicação Social da UCS. Coordenadora do Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. Professora Colaboradora da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pós-doutoranda em Sociedade e Cultura da Amazônia (UFAM). Doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7096-1160>. E-mail: malu@pazza.com.br

*exigencias del mundo postoccidental. Entre ellas, la urgencia de una "re-evolución" amorosa, en términos reflexivos y de producción, en la que el "nosotros" -las conexiones intensas y afectivas de los seres y los ecosistemas- se reconozca como la gran potencia de reinención y como posibilidad de supervivencia de la Educación, la Ciencia y el Planeta.*

**PALABRAS CLAVE:** *Educación. Amorosidad. Con-versaciones. Biología cultural. Esquitoanálisis.*

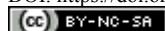
**ABSTRACT:** *The text has an essay character, addressing the power of amorosity, of self-poiesis and of the "conversations", in the activation of the "we-interlaces" in Education and in Science. It brings the report of reflections, resulting from direct learning paths with Humberto Maturana, in connection with holistic and schizoanalytical education. The essay is based on a scientific production of over 30 years, in research, thesis, dissertation and monograph writing supervisions, in many universes of knowledge, and direct guidance of researchers in the South of Brazil, in Communication, Tourism and Hospitality. It reports emergencies, urgencies, and potentialities, expressed in the conversations and research of Amorcomtur! Study Group on Communication, Tourism, Amorosity and Selfopoiesis, which are sharpened by the demands for the post-Covid-19 pandemic world. Among them is the urgency of a loving 're-evolution', in reflexive and production terms, in which the 'we' - the intense and affective connections of beings and ecosystems - are recognized as the great power of reinvention and as a chance of survival for Education, Science and the Planet.*

**KEYWORDS:** *Education. Amorosity. Conversations. Cultural biology. Schizoanalysis.*

### **Primeiras declarações (amorosas)**

“Início, como é próprio do meu iniciar, com o verbo amar.  
Com o gosto do amor pelo que faço, pelo encanto e intensidade do traço,  
de artista do cotidiano, intensamente encantada  
e envolvida por Comunicação e poesia...”.

Decidi começar pelo verso do meu poema, escrito há muitos anos, intitulado “Amor Derramado”, porque ele ainda me representa, me apresenta. Na época, escrever esse poema foi importante para mim, porque ele representou um momento da vida em que entendi que o Amor, traço tão marcante nas minhas ações e orientações de vida, precisava ser dito em verso e prosa, nos escritos e falas, relativos a todas as áreas da vida. Foi um tempo em que entendi que o Amor deveria estar presente na poesia e na Ciência. Percebi que o Amor é uma marca de potência, ainda que nem sempre seja visto assim, porque, na deriva histórica, a humanidade se perdeu em descaminhos e abandonou a lógica amorosa da família ancestral matrística, para substituí-la pela lógica capitalista, competitiva e produtivista. Assim, nessa outra visão de mundo, o Amor passou a ser visto como o sentimento que desorienta, que fragiliza, que tira o sujeito da produção continuada e eficiente, no contato com as máquinas



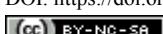
capitalísticas. Nessa lógica histórica capitalística, o Amor perdeu o sentido. Para mim, não; para mim, nunca! Para mim, o Amor é sempre o sentido, a direção, o direcionamento da vida, em todos os universos existenciais ou ‘domínios’ da existência – para usar uma expressão de Maturana, durante os cursos que fiz com ele entre 2020 e início de 2021.

Nascida no interior de São Paulo, sudeste do Brasil, em uma minúscula cidade do interior, chamada Guarantã – nome de uma árvore –, fui forjada na poética de menina do interior, estudiosa e dedicada, amorosa e voltada à poesia, à poiese da vida e suas nuances, aos encontros e desencontros. Sempre fui apaixonada por narrativas, por viagens e suas desterritorializações, pelos desafios dos seus engendramentos e pela mobilização de afetos. As primeiras viagens de que me lembro foram na literatura, no Reino Mágico das Águas Claras, dos textos de Monteiro Lobato, mas também em textos de História Antiga da Grécia, para um trabalho de escola. Lembro-me de fui lendo a história dos embates entre Atenas e Esparta e, claro, torcia por Atenas, como se estivesse revivendo a história. Eu imaginava os lugares, as pessoas, as roupas, tudo, as tristezas, as desventuras, as vitórias, as conquistas. Vivia, desde então, um ‘amor pelo estudo’ e pelas viagens do conhecimento, também um profundo amor pelas narrativas.

Nesse processo de crescimento e encantamento do mundo, para mim, o Amor nunca foi um jogo de ‘investimentos libidinais’, na ‘economia’ dos afetos, expressões que encontrei, mais tarde, de Freud<sup>2</sup> e que me causou espanto. O amor sempre foi sentido como o ar que eu respiro, como o agenciamento de potência que me faz levantar todos os dias. No caso, já era a grande inspiração da criança Luiza, que me fazia levantar de madrugada para ler, ler, ler... viajar, aprender. Assim, fui vivendo e entendendo o que hoje posso chamar de o Avesso do Amor, inspirada na minha própria proposição de Avesso do Turismo, em meus estudos recentes.

A parte da frente é a que todo (e qualquer um) vê. O avesso não. Só quem sabe vê e olha o avesso e percebe que ali, exatamente ali, estão as amarrações da vida, as tramas da tessitura existencial que mostra o bonito e o feio, o que nem todo mundo quer ver, mas sem o qual a costura ‘da frente’ que se mostra exibida, não existe. Assim é também o Turismo. Sem o avesso, o Turismo não existe. A parte da frente, que se mostra em fotos, vídeos, nos mais diversos dispositivos comunicacionais, foi preparada para ser vista como bonita. Para existir, ela precisa do avesso, da trama do avesso e essa, por sua vez, não se sustenta sem a tessitura amarrada de fios, nós, laços, entrelaços, arremates. (BAPTISTA, 2020, p.3)

<sup>2</sup> Meus estudos psicanalíticos freudianos envolveram grande parte dos livros da coleção Obras Psicológicas Completas, assim como o trabalho com autores que apresentam releituras da obra desse tão importante autor, como Renato Mezan (1991; 1987).



Assim é também o Amor, que se faz nos avessos da trama dos arremates ‘nós’. Assim é também a Educação e a Ciência. Nos seus avessos! Ali e aqui mesmo onde as relações se engendram e se constituem em sua inteiricidade, capaz e potente de ‘segurar a trama toda’, os puxões e repuxos do mar da vida. Eu tenho amadurecido minha visão sobre o Amor, a Educação e a Ciência, ao longo desses muitos anos de estrada. No início dos anos de 1990, tendo assumido a coordenação de percurso de aprendizagem intitulado Psicologia da Comunicação, na Universidade Luterana do Brasil, em Canoas, no Sul do Brasil, criei o Gráfico do Amor, para explicar para alunos de Comunicação Social a lógica de ‘investimentos desejantes amorosos’, que agenciam o desencadeamento e desenvolvimento amoroso, na desterritorialização afetiva que se inicia com a paixão ou a amizade. O Gráfico do Amor também me ajudava a pensar os riscos da paixão, das mobilizações impulsivas e não pautadas pela ‘c’alma’ amorosa, seja em relação a uma pessoa, a um lugar, a um projeto ou ao Universo todo. O Gráfico do Amor já me ajudava a pensar os vínculos, resultantes dos investimentos desejantes em seres, projetos, caminhos, produtos, engendramentos existenciais.

Nessa época, nos anos de 1990, vivia a iniciação aos meus estudos sobre Holismo e sobre o Pós-Moderno, o que fez entrar em ebulação os meus conhecimentos prévios, minhas pressuposições. Foi um processo que me ajudou muito, no sentido de refletir sobre como ocorre o agenciamento das emoções – temática tão cara para mim, na pesquisa do Mestrado (BAPTISTA, 1996) e que transversaliza todos os campos de conhecimento e, numa visão ampliada de Ciência, todo o Mundo da Vida.

Igualmente, a compreensão sobre o que eu chamo de ‘com-versações’ foi sendo amadurecida aos poucos, ao longo da vida e de minha formação. A última década do século XX era um tempo em que eu já estava em ‘com-versações teóricas’ com muitos autores que permanecem na trama-trilha teórica que fundamenta a orientação filosófica epistemológico-teórica de meus estudos. Autores que já sinalizavam os limites do paradigma Moderno, da Ciência Tradicional, decorrente da Revolução Científica – grande mutação do pensamento científico que ocorreu no final do século XIX e início do século XVII. Entre eles, estão autores da Física, como Capra<sup>3</sup> e Luisi (2014); da Psicologia Transacional, com Roberto Crema (1989); da Química, como Ilya Prigogine (2001); da Educação, com Edgar Morin (2003; 2013; 2020) e Paulo Freire (1996); da Esquizoanálise, como Félix Guattari, Gilles

<sup>3</sup> O conteúdo estudado de Capra está retomado em revisão com Luisi, em 2014, mas há uma sequência de textos do autor que sinalizou para a lógica da mutação da Ciência. Textos que foram trabalhados desde os anos de 1990 e que seguem me acompanhando, como substrato do meu pensamento: O Tao da Física (1990), O Ponto de Mutação (1991), A Teia da Vida (1997).

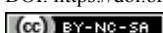


Deleuze e Suely Rolnik (1992; 1995 [1997]; 1986); da Biologia, como Humberto Maturana e Francisco Varela (1997); da Comunicação, como Muniz Sodré (2006; 2009), Ciro Marcondes Filho (2010), Cremilda Medina e Milton Grecco (1990 [1991]) e Edvaldo Pereira Lima (1998; 2004; 2009), entre muitos outros.

Foram autores decisivos para a inflexão filosófica do meu pensamento e das minhas pesquisas, bem como para a construção das minhas proposições epistemológico-teórico-metodológicas, como a Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas. Maturana trouxe, para mim, ensinamentos sobre a constituição do ser vivo e a proposição de que o fundamento do humano e dos laços sociais é o amor. Guattari – juntamente com Deleuze e Rolnik – expandiu o universo do meu conhecimento, me ajudando a compreender, de modo entrelaçado, a produção da subjetividade, os equipamentos coletivos dessa produção – entre eles, os Meios de Comunicação –, os engendramentos das máquinas autopoieticas abstratas do Capitalismo Mundial Integrado, que transversalizam o todo, o cosmo. Eu fui entendendo que, na deriva histórica da humanidade, o Capitalismo e suas variantes, o Colonialismo e Patriarcado (SANTOS, 1997), representaram uma afronta à condição inerente à espécie humana, que é o amor, como “reconhecimento do outro, como legítimo outro na convivência” (MATURANA, 1998)

Assim, compreendi também que, nessa deriva histórica, foi desenvolvida a ênfase ao capital, à industrialização, à urbanização, sob o domínio da Comunicação Social, a Educação, a Matemática, a Medicina, a Psicologia, o Turismo... a Educação e a Ciência. Enfim, desde a fragmentação cartesiana dos saberes, foram criadas as bases para grandes e importantes descobertas, mas também a ênfase racionalista objetivista que compõe a lógica capitalística produtivista, com suas amarras e axiomáticas. Desse modo, foram cristalizadas atitudes geradoras de importantes e quantitativas informações científicas, que possibilitaram desenvolvimento tecnológico, mas não exatamente de vida, em sua potente e urgente condição.

Pode-se dizer, ao menos, que o paradigma mecanicista, cartesiano e reducionista não ‘gerou vida’, considerada como existência coletiva em uma dinâmica contínua de autoprodução, como nos ensinou Maturana, Varela e D’Ávila (1984; 2015). Provavelmente, a grande limitação desse paradigma seja exatamente no que diz respeito à possibilidade de o ser humano e seu nicho ecológico continuarem se autoproduzindo, em harmonia de bem-estar. Isso quer dizer que a falha está exatamente no que é crucial para a sequência de vida, que é a potência autopoietica. O sistema está falhando no agenciamento em si. Daí ao colapso é um passo. Em certo sentido, estamos nele, o colapso do Antropoceno.

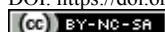


Nessa linha de discussão, nos Seminários da Escola Matrística, que tive o privilégio de acompanhar, entre o final de 2020 e início de 2021, nos seus últimos meses de vida, Maturana insistia no limite do pensamento de Darwin, quando ele propôs que ‘sobrevive o mais apto’. Maturana explicava que ‘sobrevive o apto’, o organismo que é apto a existir nas condições de seu nicho ecológico, o que não significa que ele tem que ser (ou ter) mais que outro organismo. Nas conversas entre Maturana e Ximena D’Ávila, nos Seminários do Curso de Fundamentos da Biologia Cultural, o questionamento a Darwin colocava em xeque as bases de naturalização da competição, como inerente ao humano. Está claro que esta é uma falácia. Maturana produziu grande parte de sua obra para demonstrar que a cooperação, e não a competição, é natural da espécie humana. O fato de que a humanidade tenha perdido essa compreensão e tenha deixado de atuar segundo essa lógica é uma aberração histórica, de consequências catastróficas, como as que estamos vivenciando nesses anos primeiros do século XXI, especialmente com a ocorrência da Pandemia do Covid-19. Deste ponto de compreensão é que precisamos refletir as possibilidades de reinvenção da Educação e da Ciência. O que precisa ser feito, para que possamos ‘sobre-viver’ como campo de fazeres e saberes, em lógicas rizomáticas e de entrelaçamentos nos mais diversos ecossistemas educacionais e científicos?

Este é o ponto em discussão neste texto, de caráter ensaístico, decorrente de muitas pesquisas realizadas diretamente por mim e de uma longa trajetória de estudos orientados, no entrelaçamento de muitos saberes, especialmente da Biologia Amorosa, do Conhecimento e Cultural, e da Esquizonálise, em combinação dos outros feixes de saberes que sinalizam para as mutações contemporâneas. Como foi anunciado no título, trata-se aqui de discutir ‘com-versações’ e amorosidade e potência dos entrelaçamentos entre nós (sujeitos da Educação e da Ciência) e dos ‘nós’ (diferentes fatores que transversalizam os nichos ecológicos de nossas vivências e produções), segundo uma lógica que eu venho chamando de Trama-Teia Ecossistêmica Complexa. Para avançar, elaborei um percurso narrativo da ‘viagem-texto’, envolvendo a Trama-Teia de desafios da Educação e da Ciência, a Amorosidade e Autopoiese, e as ‘Com-Versações’, para refletir sobre sinalizadores da potência dos ‘entrelaços nós’ na Educação e na Ciência.

## **A Trama-Teia de desafios da Educação e da Ciência**

A noção de ‘trama’ está na base epistemológico-teórico-conceitual deste texto e dos estudos que venho desenvolvendo, desde o doutorado em Ciências da Comunicação, pela

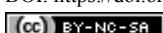


ECA/USP, no ano 2000. Assim, a ‘trama’ é pressuposto científico, educacional, turístico, comunicacional e subjetivo, presente em vários textos meus, resultados de estudos recentes na área do Turismo e da Hospitalidade, em interface com os da Comunicação e a Subjetividade. O termo comunicação-trama, cunhado no doutoramento, foi transposto para a composição turismo-trama e subjetividade-trama, representando o conjunto de entrelaçamentos, de fatores, elementos, substâncias e matérias intervenientes nos processos e práticas comunicacionais, turísticas e subjetivas, envolvidos nos fenômenos analisados. Os pressupostos gerais, nesse sentido, vêm se consolidando a partir de estudos ao longo de minha carreira e são relativos à visão complexo-sistêmica. Foram apresentados em vários textos (BAPTISTA, 1996; 1999a; 1999b; 2000; 2001), como confluência de perspectivas, às vezes sintetizada pela denominação Ciência Pós-Moderna, como representação de ruptura dos pressupostos da Modernidade. Vale dizer: eu também penso em Educação e Ciência como inextricavelmente associadas ao complemento ‘trama’. Assim, defino-as como Educação-Trama e Ciência-Trama, no sentido de Trama-Teia Complexa Ecossistêmica, Rizomática, Caosmótica, Processual e Dissipativa.

A visão ecossistêmica está em sintonia com a compreensão das complexas máquinas abstratas que constituem os universos existenciais e de máquinas autopoieticas rizomáticas desejantes e, portanto, de alta potência, passíveis de serem entendidas a partir dos estudos da Esquizoanálise, especialmente com autores como Félix Guattari (1992), Guattari e Deleuze (1995 [1997]) e Guattari e Suely Rolnik (1986). Isso significa considerar o ecossistema educacional científico em função dos múltiplos fatores intervenientes nas tramas comunicacionais e subjetivas, nas mais diversas transversalidades, em processos de desenvolvimento de saberes e fazeres.

Há o pressuposto de que existem complexas teias-tramas de engendramentos do desejo de produção de saberes, na Educação e na Ciência, acionando e direcionando as desterritorializações dos sujeitos, em relação aos processos educacionais. Na lógica esquizoanalítica, o sujeito se desterritorializa, se desacomoda da condição à qual está habituado e se movimenta, aciona movimentos desejantes, em relação à mutação de si mesmo, à autoprodução, à autopoiiese, à reinvenção de si. São tramas de agenciamentos, como conjuntos e processos complexos de entrelaçamentos de elementos, trilhas e fios, tanto inerentes ao processo mesmo de desterritorialização, que é característico da saída da condição de estar em um território conhecido, quanto à lógica de derivações e dissipações de seus filamentos rizomáticos comunicacionais e subjetivos.

Entendo que a Educação e a Ciência também se produzem conectadas a uma complexa trama ecossistêmica midiática e subjetiva, que é agenciada pelo capital, mas que também vem



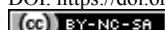
se reinventando e buscando modos se autopoietizar, em processos rizomáticos de linhas de fuga, em brotações potentes que se engendram nas relações, na prática, nas múltiplas ‘com-versações’ subjetivas e ecossistêmicas. Pode ser percebido, especialmente nesses últimos anos, um campo morfogenético de produção de energias potentes de criação e recriação. Nesse sentido, no cenário contemporâneo, as condições de produção e a interação ecossistêmica atingem pontos extremos, a serem repensados. Resgato aqui trecho de fala emblemática de Guattari, nesse sentido.

As condições de produção evocadas nesse esboço de redefinição implicam, então, conjuntamente, instâncias humanas inter-subjetivas manifestadas pela linguagem e instâncias sugestivas ou identificatórias concernentes a etiologia, interações institucionais de diferentes naturezas, dispositivos maquinicos, tais como aqueles que recorrem ao trabalho com computador, Universos de referência incorporais, tais como aqueles relativos a música e às artes plásticas. Essa parte nao-humana pre-pessoal da subjetividade é essencial, já que é a partir dela que pode se desenvolver sua heterogênese” (GUATTARI, 1992, p. 21)

A fala de Guattari está no livro intitulado *Caosmose*. Um novo paradigma ético-estético, referindo-se às condições de produção de subjetividade, mas, como é possível perceber, pode ser pensada também para a Educação e a Ciência, assim como venho transpondo para os estudos relacionados à Comunicação e ao Turismo. A expressão ‘caosmose’ resulta da composição por aglutinação, a partir de ‘caos’, ‘osmose’ e ‘cosmo’, o que ajuda a pensar o cenário contemporâneo, em sua complexidade. A associação das palavras, nessa fusão, informa sobre a condição caótica e de osmose que caracteriza o cosmo, o universo. Essa perspectiva chama atenção para o quanto é preciso levar em conta as dimensões visíveis e invisíveis – na terminologia esquitoanalítica: os universos corporais e incorporais.

Pode-se dizer que esses universos são feixes, fluxos de dimensões múltiplas, que se entrelaçam, na produção da trama complexa, de saberes, de vivências, de sujeitos. Estão em jogo aqui matérias, substâncias, energias, na composição de processos de produção contínuos, em mundos de desmanche e reconstituição autopoiética. Todos os fluxos são envolvidos ‘em relação’, por muitos agenciamentos, em uma engrenagem maquinica que se movimenta por maquinismos abstratos, mas que nas expressões semiológicas e nas axiomáticas territorializadas.

Diante da caosmose da Ciência Contemporânea e dos processos educacionais na contemporaneidade, refletidos também a partir do que Harvey (2005; 2012) chamou de “capitalismo por espoliação”, nos vemos desafiados a compreender os processos relacionais,

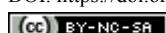


de trocas e de deslocamentos e aprendizados, no mundo. A questão é o que faremos desse caos, dessa osmose no cosmo? Qual é a ‘ação oportuna’, para lembrar uma expressão de Maturana, quando reconhecemos as forças dos entrelaçamentos no ecossistema educacional e científico? Esse desafio se depara com as novas configurações de forças políticas mundiais e os novos fluxos de bens materiais, de recursos financeiros, de recursos naturais e, também, claro, de bens simbólicos e de pessoas. Há também, a considerar, novas configurações políticas e econômicas, que emergiram diante das urgências do tempo da Pandemia Covid-19, que evidenciaram, cristalizaram e recrudesceram o cenário de mutação, em sentido amplo.

É preciso reconhecer que há uma nova ordem de circulação de cultura e de conhecimentos em nível mundial. Uma ordem em desordem, pode-se dizer, não pautada pela ordem propriamente dita, mas pela caosmose. Essa (des)ordem existe em sentido macro, amplo, e também no interior dos processos vários de produção, sendo que aqui me refiro, mais detidamente, aos da Educação e da Ciência, bem como venho estudando nos de Comunicação, do Turismo e de produção de Subjetividades, compreendendo que há aspectos gerais que perpassam outras áreas de produção e de saberes.

### **Amorosidade e Autopoiese na Educação e na Ciência**

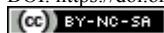
Retomo aqui, neste ponto, a ‘com-versação’ a respeito do Amor, da Amorosidade e da Autopoiese, na Educação e na Ciência. Esses são conceitos basilares do grupo que coordeno na Universidade de Caxias do Sul, no Sul do Brasil, em entrelaços caosmóticos e amorosos, com muitos outros pesquisadores, nessa universidade e em universidades de mais de 15 países no mundo. Posso dizer que falar de Amor na Academia, na Educação e na Ciência, não tem sido fácil, mas, ao mesmo tempo, para mim, trata-se de algo óbvio. Ou isso ou nada. Falo de processos de amorosidade e autopoiese ou não tenho como referir-me ao que realmente acredito, ou seja, a essência dos processos interacionais que provocam, promovem, agenciam crescimento. Há muitos anos venho trabalhando com e aprofundando os estudos no entendimento proposto por Humberto Maturana, a respeito do amor e dos seres vivos, também dos seres humanos. Com a palavra, o professor: “[...] o amor é o fundamento emocional que faz possível o surgimento evolutivo de nosso viver humano na origem da linguagem [...] os seres humanos somos seres biologicamente amorosos e [...] nossa identidade biológica-cultural é *Homo-sapiens-amans-amans*” (MATURANA apud D’ÁVILA; MATURANA, 2015, p. 10).



Maturana ensina que ninguém nasce sem amor, no sentido da espécie humana, sem conjunção, sem a confluência de elementos de seres que se juntam. Ninguém vive sem amor. Ninguém vive de fato, eu penso, e quando digo isso não me refiro ao sentido vegetativo do termo ‘viver’, no sentido de ‘navegar sem saber porque’, pelo simples sentido de existir. “Somos mamíferos, nascemos num âmbito de cercania materno-infantil. Nascemos como fetos entregues ao mundo. Nossa fisiologia está feita de tal modo que pressupõe que vai ser acolhido – nascemos nessa confiança amorosa” (MATURANA, 2017).

Nessa linha de reflexões, tenho insistido, nos últimos anos, no que venho chamando de ‘questão Cajuína’, especialmente ligada às áreas do meu viver. Trata-se do resgate do questionamento da canção de Caetano Veloso, intitulada Cajuína: “Existirmos, a que será que se destina?”, transpondo-o para os meus múltiplos fazeres ‘ser em existência’, em busca de ‘sobre-vivência’. Esta é uma questão existencial e, para mim, tem sido a companheira de madrugadas, aulas, encontros científicos internacionais, reflexões pessoais de toda ordem e desordem, com seres que amo, nos meus diversos universos existenciais – domínios da vida, como os denomina Humberto Maturana. Surge, nesse ponto, o verso de um dos nossos maiores poetas, Carlos Drummond de Andrade (2002): “Que pode uma criatura, se não entre outras criaturas, amar?”

Assim, como já referi, Amorosidade e Autopoiese são conceitos que dão nome ao Amorcomtur!, não por acaso, mas por convicção, desde o início do grupo, em 2011. Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese é a síntese dos estudos sobre esses campos complexos: Comunicação e Turismo, transversalizados pela discussão sobre Epistemologia da Ciência, Metodologia da Pesquisa, Educação e os Estudos de Subjetividade, com o viés ecossistêmico e holístico. Nesse sentido, vale compreender a proposição de Maturana sobre o amor. Ele apresenta o amor relacionado à emoção que nos leva a investir na convivência, na manutenção da rede viva de cooperação, de ações recorrentes que produzem mais vida. Para o biólogo, o amor é o que funda o social, como entrelaçamento de seres que se respeitam e investem na continuidade da relação. O amor é que faz possível a trama viva continuar existindo, segundo ele, mesmo dizendo isso em outras palavras. Vale lembrar que ele nos ensinou isso a partir de conhecimento produzido desde a Biologia, na produção de constructos que foram se consolidando como o que se conhece hoje como Biologia Amorosa ou do Conhecimento, mais recentemente como Biologia Cultural, a partir do início dos anos 2000, quando ele estabeleceu a parceria com Ximena D’Ávila. “É o modo de vida hominídeo o que faz possível a linguagem, e é o amor como emoção que constitui o espaço de ações em



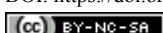
que se dá o modo de viver hominídeo, a emoção central na história evolutiva que nos dá origem” (MATURANA, 1995, p. 8).

Ressalto, também, a profunda conexão do meu pensamento e vivências na produção da Educação e da Ciência com o conceito de autopoiese, conceito proposto também por Maturana. Reconheço nesse conceito uma das potências de acionamento de vida, também em mim, a partir do momento em que passei a compreender a força do engendramento sinalizado, gerador de vida, em contínuo processo de produção, de autoprodução. Então, autopoiese, segundo Maturana, é autoprodução contínua, o que caracteriza o ser vivo, a partir de uma dinâmica de acionamentos contínuos, resultante de acoplamentos estruturais e movimentos constantes de fluxos e processos internos. Tendo esse entendimento como inspiração, em uma visão ampliada, penso a autopoiese de cada sujeito ou corpo-sujeito – o que pode ser um coletivo – como reinvenção de si. Reflito que é possível pensar assim, já que essa dinâmica significa, de certa forma, o enfrentamento de toda e qualquer transversalização e intempérie, que coloque em risco a harmonia do sistema, que se desconstrói e reconstrói continuamente, para viver os múltiplos e sequenciais processos de adaptação ao nicho ecológico.

[...] a forma da arquitetura dinâmica de cada organismo implica em cada instante de seu contínuo câmbio um entorno estrutural dinâmico que faz possível seu viver de modo que ele conserva seu viver como totalidade somente enquanto suas interações ocorrem em um meio que é dinamicamente congruente com ele em todas as dimensões de realização de seu viver (DÁVILA; MATURANA, 2008, p. 9).

Vale dizer, então, que esse nicho também está sempre em continua transformação, ou seja, parece existir uma constante desconstrução para reconstruir, posteriormente, outra condição de existência. Trata-se de desterritorializar para reterritorializar territórios existenciais, a partir de um ponto umbilical do qual ‘se encarna uma posicionalidade subjetiva’, para lembrar Guattari (1992). É como se Guattari dissesse que a vida se produz de explosões múltiplas e contatos de universos subjetivos, sob o que ele chama de ‘foco de caosmose’. Tem-se, aqui, o que o próprio autor referiu como a reconciliação entre o caos e a complexidade. O foco de caosmose relaciona-se diretamente com o núcleo de autopoiese, “[...] sobre o qual se realizam constantemente e se formam, insistem e tomam consistência os territórios existenciais e os universos de referências incorporais” (GUATTARI, 1992, p. 102).

É interessante a fala de Maturana, para ajudar a compreender autopoiese, especialmente pensando em ampliação do conceito para outros processos vivos.



Um ser vivo não é um conjunto de moléculas, mas uma dinâmica molecular, um processo que acontece como unidade separada e singular como resultado do operar e no operar, das diferentes classes de moléculas que a compõem, em um interjogo de interações e relações de proximidade que o especificam e realizam como uma rede fechada de câmbios e sínteses moleculares que produzem as mesmas classes de moléculas que a constituem, configurando uma dinâmica que ao mesmo tempo especifica em cada instante seus limites e extensão. É a esta rede de produção de componentes, que resulta fechada sobre si mesma, porque os componentes que produz a constituem ao gerar as próprias dinâmicas de produções que a produziu e ao determinar sua extensão como um ente circunscrito, através do qual existe um contínuo fluxo de elementos que se fazem e deixam de ser componentes segundo participam ou deixam de participar nessa rede, o que neste livro denominamos autopoiese (MATURANA, 1997, s/p).

O conceito de autopoiese, desde que foi proposto, no século passado, mesmo tendo sido concebido para referir à questão biológica, molecular, com aplicações específicas, tem gerado discussões profundas neste e em outros campos. Tem sido utilizado de modo expansivo e metafórico, considerando a própria etimologia do termo, como ‘auto-produção’, para pensar a confluência de jogos interacionais, entre seres em diferentes ecossistemas, implicando o acionamento de força motriz de reinvenção do que se engendra no processo autopoietico. Na aproximação com a Esquizoanálise, o conceito amplia-se para o de máquinas autopoieticas desejantes, que, no meu entendimento, são os dispositivos de produção potente, acionados em processos de ‘com\_versação’ na produção das subjetividades, da Comunicação, do Turismo, da Educação e da Ciência.

### **‘Com-versar’ – Narrativas Transpoieticas Sensíveis**

Há que se considerar, especialmente, a importância da produção das narrativas, na composição dessa caosmose contemporânea, assim como na potência de superação e reinvenção dos sujeitos e seus nichos ecológicos, considerados aqui especialmente em processos de produção da Educação e da Ciência. Os estudos do Amorcomtur! sinalizam para as narrativas e as conversas, ‘com-versações’, que acionam processos de pulsação de vida compartilhada, de produção conjunta em acoplamentos subjetivos e de ecologia profunda. Um dos estudos, neste sentido, é o projeto internacional intitulado “‘Com-Versar’ Amorcomtur Lugares e Sujeitos! Narrativas Transversais Sensíveis, envolvendo Sujeitos em Processos de Desterritorialização – Brasil, Espanha, Portugal, Itália, México, Colômbia, Egito, Omã e Índia”, desenvolvido na Universidade de Caxias do Sul, em parceria com pesquisadores de três outras universidades brasileiras, de instituições de mais de 10 países, envolvendo mais de

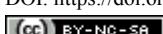
25 pesquisadores ao todo. Tendo como uma das inspirações os estudos da Escola Matrística de Santiago do Chile, em uma visão ampliada, afirmo que, assim como os seres vivos, Educação e Ciência se produzem e autoproduzem, em seus nichos ecológicos, em seus ecossistemas, pelo que conservam e transmutam na dinâmica autopoietica do presente contínuo de transformações. Essa dinâmica se dá em grande parte em processos de transpoiese, de transversalizações, por meio de ‘com-versações’ transpoieticas sensíveis.

Anteriormente, já apresentei a ideia subjacente à proposição ‘com-versar’, como feixes de aproximações, atravessamentos, transversalizações e enredamentos mútuos. Lembrando uma novelista importante no Brasil, Janete Clair, citada por Ismael Fernandes (1987), é possível afirmar que a narrativa é o desenrolar do novelo, é puxar o fio da novela e ir desenrolando, narrando. A narrativa, nesse sentido, também é processo, o que vai adiante, dissipando, diluindo, desenvolvendo a trama, de modo a compreender os sujeitos entrelaçados seus conflitos, seus dramas, suas escolhas, suas características, materialidades e imaterialidades do percurso. É assim na novela, é assim na Ciência, na própria história de vida de Lugares e Sujetos.

Mais uma vez, recorro a Maturana (1995, p. 3). “A palavra conversar vem da união de duas raízes latinas, ‘cum’ que quer dizer ‘com’ e versare que quer dizer ‘dar voltas’, de modo que conversar em sua origem significa ‘dar voltas com’ outro.”. Então, ele questiona: “Que ocorre no dar voltas juntos dos que conversam e que passa ali com as emoções, a linguagem e a razão?”. Este é um ponto central dos ensinamentos de Maturana, em que ele ressalta a importância da linguagem e do languagear, trazendo pistas importantes para que seja possível compreender toda a importância da conversa. Segundo ele, linguagem “[...] como fenômeno biológico consiste em um **fluir em interações** recorrentes que constituem um **sistema de coordenações condutuais consensuais de coordenações condutuais consensuais**” (p. 3, grifo meu).

Nesse sentido, a prática dos Encontros Caóticos Amorcomtur!, nossas rodas de conversa semanais têm demonstrado a potência dos processos de narrativas subjetivas, na transversalização das ‘com-versações’ para deixar aparecer as pesquisas, nos seus caminhos e descaminhos. Esses encontros são realizados semanalmente pelos integrantes do grupo Amorcomtur!, contando inclusive com a frequente presença de parceiros internacionais.

Além disso, tenho trabalhado com a ideia de narrativas de viagem, também para a Viagem Investigativa, para a Ciência, o que reforça a coerência entre produzir conhecimento e ‘com-versar’ lugares e sujeitos, quando se trata de pesquisas nas áreas do Turismo, da Comunicação, da Esquizoanálise e suas transversalidades. O sujeito estuda e pesquisa a partir



do seu lugar, dos seus lugares, de onde ele vem e para onde ele pretende ir, também considerando onde pretender chegar. Tem-se, então, presente a lógica do acionamento do desejo e, portanto, da desterritorialização desejante, que precisa ser agenciada, ou seja, o sujeito tem que querer aprender, pesquisar, o que ocorre com mais facilidade ‘com-versando’, em processos de ‘com-versações’.

Assim, a ideia de ‘Com-versar’ Lugares e Sujeitos se apresenta com o propósito de acionar a produção de narrativas de amorosidade e autopoiese, lembrando que se trata de ações de produção em que, elas mesmas, são processos investigativos e também de produção de conhecimento, buscando sinalizadores de saberes e devires. Isso implica dizer que o próprio ‘com-versar’ é dispositivo metodológico ou que o caminho da pesquisa se faz ‘com-versando’. É interessante, aqui, então, falar de que narrativa se está tratando, a que narrativas me refiro, quando as proponho como sendo de amorosidade e autopoiese.

Em vários eventos nacionais e internacionais, ao apresentar relatos parciais desta pesquisa, tenho salientado que as narrativas, as ‘com-versações’ são amorosas transpoieticas sensíveis. São amorosas, porque são pautadas pela ética da relação, pelo respeito ao Outro, como legítimo outro na Convivência. Considera-se aqui Lugares e Sujeitos, como uma trama de conexões. Uma trama de ‘com-vers-ações’! As ‘com-versões’ são transpoieticas, porque são transversais, relacionadas à potência de reinvenção no movimento, tanto o movimento do sujeito nos lugares, mas também o movimento entre os sujeitos que ‘com-versam’, produzem ‘com-versões’. São transpoieticas também no movimento dos dispositivos comunicacionais, utilizados como recursos para a produção da narrativa. Isso quer dizer que a ‘transpoiese’ – termo que proponho para representação da produção transversalizada, seguindo a lógica esquitoanalítica – se dá também no trânsito entre recursos narrativos... A narrativa, a ‘com-versação’, não é somente verbal. Todos os sentidos são acionados e potencializados para a produção de saberes e a consideração na trama ecossistêmica geradora de relações, autoprodução dos pesquisadores envolvidos, em uma dinâmica contínua de produção.

Mais uma vez, Maturana (1995, p. 4) ensina: “[...] somos seres multidimensionais em nossa dinâmica estrutural e de relações. Vemos em nossa corporalidade a interseção de muitos domínios de interações que gatilham nela câmbios estruturais que pertencem a cursos operacionais diferentes.”

Um dos resultados, nesse sentido, do projeto internacional ‘Com-versar’ Amorcomtur! tem sido as múltiplas conversas com os parceiros da pesquisa, com apresentações riquíssimas, marcadas pelo acionamento plural de dispositivos comunicacionais, com o uso de fotografias,

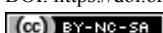


músicas, poemas visuais e verbais, com o acionamento da lógica da convergência midiática, para o agenciamento de múltiplos sentidos. Foi o caso, por exemplo, da conversa do 25 de novembro de 2020, intitulada: Um Olhar sobre a Amazônia: Encantos que vêm da Floresta e de suas Águas. Conexão Nacional – Palestra de Dra. Maria Leônia Alves do Vale Brasil, Doutora em Administração e Turismo, no Seminário do PPGTURH, de Narrativas Visuais e Midiatização do Turismo.

Além disso, a partir das interações e das conversas do Amorcomtur com o Instituto de Longevidade da UCS, no início de 2021, foi criado o Núcleo Amorcomtur Longevidade, que está trabalhando no Programa de Rádio ‘Com-verso Toda a Vida’. Esse programa é literalmente resultado de muitas conversas, em decorrência da mobilização de várias instâncias da Universidade, desde pró-reitores, professores de vários cursos e níveis acadêmicos e estudantes também de diferentes áreas de formação. Será veiculado todos os domingos de manhã, na UCS FM, abordando temáticas relacionadas à vida. Na produção direta do Programa, no Núcleo Amorcomtur Longevidade, estão pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, em nível de doutorado, mestrado e iniciação científica, estudantes de Jornalismo e do Bacharelado em Música da UCS, o que implica o acionamento de várias dimensões de aprendizagem, em associação, em ‘com-versões’. Educação e Ciência em ‘com-versões’, em ‘Com-verso’ Toda a Vida, em uma proposta transpoietica sensível. O programa contempla espaços de conversas jornalísticas, poéticas, musicais, teatrais, de apresentação de personagens com textos produzidos especialmente para cada edição temática. Envolve a participação da comunidade acadêmica e tem o objetivo de participação da comunidade mais ampla, começando por Caxias do Sul e região. O objetivo é ampliar a conversa sobre a vida, trazendo informação e promovendo interação entre saberes e sujeitos diversos, realmente e efetivamente em ‘com-versões’.

Esse programa ajuda também a refletir sobre porque as narrativas são sensíveis – inspiradas no termo ‘splacnisomai’ – mencionado por Luis Carlos Restrepo (1998), em *O Direito à Ternura*. O termo significa literalmente “Sentir com as tripas”, quer dizer, a ideia é produzir narrativas que expressem os ‘sentires íntimos’ – expressão de Maturana – dos sujeitos em relação aos lugares.

O projeto também tem como resultado e, ao mesmo tempo, suporte de desenvolvimento, um dos Seminários Avançados do PPGTURH, que coordeno neste segundo semestre de 2021, com participação de pesquisadores de quatro estados brasileiros: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro e Amazonas. O Seminário é intitulado: ‘Com-



versar' Lugares e Sujeitos: Narrativas Sensíveis Para a Reinvenção do Turismo - Doutorado em Turismo e Hospitalidade.

Apresento a seguir alguns fragmentos de narrativas, produzidos por dois pós-graduandos, em atividades de inscrições no Seminário – inscrições de si, pautadas por criações e acionamentos de devires textos.

### ***Tramando costuras***

#### ***(Newton Ávila, doutorando em Turismo e Hospitalidade PPGTURH)***

*As tramas narrativas que se inscreveram no percurso entrelaçaram formas e formatos diferentes que tranversalizaram outras histórias. Foram passeios familiares, de infância, de vida adulta, memórias e rememorações. Tudo regado e contado com a emoção da volta no tempo.*

*Histórias que remeteram às lembranças de fragmentos de minhas histórias. Histórias que fizeram relembrar filmes. Histórias que preencheram os minutos e fizeram as horas parecerem pequenas. Histórias que se conectam com sujeitos e com lugares da pesquisa.*

*Sujeito eu, sujeito morador, lugar pequeno, lugar grande. Na prosa de cada um, os corpos misturados iam delineando 'com-versas' rizomáticas que pareciam ir se interligando, se cruzando, se costurando, como se a colcha fosse de retalhos, como se as amarras, em algum ponto, se amarrassem. Textos soltos de várias partes do Brasil foram se alinhando e no repensar, na reflexão de relembrar a aula, parece que traziam sutis pedaços de um pequeno município que compõe minha pesquisa. E me instigou que as metáforas dos dois processos se cruzaram formando nós.*

*A infância que foi evidenciada no primeiro texto me fez pensar no início da construção da escrita, quando foram feitas as primeiras visitas ao lócus de pesquisa, as primeiras descobertas. Que também se entrecruzaram com a primeira viagem, que foi possível descobrir outros mundos. Na pesquisa, nada foi diferente, pois, outros mundos se apresentam para serem descobertos e quem sabe redescobertos, quiçá, reinventados. Que por igual se encostaram nos relatos exteriorizados pelos 'participantes-outros', entremeados ao 'eu-participante'.*

*Histórias a todo tempo tramando costuras que costuram combinações teóricas, vivências e experiências múltiplas de um cotidiano sentido pelo olhar do coração.*

#### ***Reflexões sobre aproximação entre narrativa de primeira viagem e desenvolvimento da viagem doutoral - Renan de Lima da Silva (Doutorando em Turismo e Hospitalidade do PPGTURH)***

*O quanto de nossas lembranças estão presentes nos nossos fazeres e o quanto de desenvolvimento pessoal estão todo o tempo, o tempo todo, na maneira como transitamos e deslocamos vida? Isso me faz perceber que, no presente contínuo, algumas coisas são sempre presentes.*

*No desenvolvimento da viagem/vida, alguns nós ou encontros são pontos de passagens sempre presente, em novos entrelaçamentos ou emaranhados, ou no retorno de passagem em caminho que, em maior ou menor medida, nascem ou se desenvolvem na passagem e no retorno a esses nós.*

*Algumas constantes são perceptíveis a partir dessa premissa: os nós, a necessidade dos encontros, o presente contínuo e a existência de deslocamentos, a vida toda, o tempo todo. Isso cria as singularidades e nós*



*que são sinalizadores dessas. Assim, a maneira como nos deslocamos tem a ver com o processo de onde viemos.*

*Os nós representativos dessa sinalização são marcas, vistas nas memórias e nas práticas que temos como comum ao longo da vida. Assim surge a maneira como nos relacionamos com esses deslocamentos, lidando melhor ou pior com o que causa desterritorialização e, consequentemente, com os desejos que o contato desterritorializante causa, em produção autopoiética de acoplamentos provenientes, dos nós de encontro.*

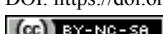
*Refletir sobre isso, no meu discurso em aula e em aproximações da minha narrativa em relação à narrativa dos colegas, também é dispositivo sinalizador do dito anteriormente, e ressignifica a importância do turismo para mim, e a contribuição que o mesmo pode ter no mundo, se a vida for entendida como o emaranhado de múltiplas narrativas de viagens, o que significa que viajamos num presente contínuo, em vivências de encontros de corpos mais ou menos dispostos, de nós de acoplamentos e trânsitos de ondas, ondas e vindas que empilham turismos no mundo inconsciente.*

Produções como essas demonstram que narrativas amorosas de Ciência, relacionadas às pesquisas, acionam a produção de narrativas de viagem de vida. São textos em que o sujeito vai se permitindo ser autor da sua própria escrita, que começa a ser jorrada, inscrita, com as marcas que o constituem. Narrativas amorosas transpoieticas sensíveis fazem brotar, florescer autores da Ciência, que começam a ser cientes de si mesmos até terem ampliada a compreensão da trama ecossistêmica que estão investigando. Assim, as ‘com-versações’ soltas, espontâneas e rodas de conversas-aula, seguidas de inscrições, inscrições de si em narrativas transpoieticas, acionam a desterritorialização desejante, proposta como potência desencadeadora de autopoiense. Isso possibilita a vivência do desejo de inscrever-se’, de autorizar-se a ser autor da inscrição de si e, por óbvio, do conhecimento que está produzindo, como potência de devires saberes, resultantes de uma multiplicidade, que é própria de uma científicidade holística.

### **Convite (desta) ‘com-versação’!**

Assim como ocorre nos Encontros Caóticos Amorcomtur!, nas nossas rodas de ‘com-versações’ e nos encontros do Seminário Avançado, ainda que não se queira, chega o momento de um desfecho temporário da conversa. No caso, aqui, o desfecho leva a um convite. O que foi apresentado é recorrente em relação aos meus estudos e, ao mesmo tempo, representa algumas sinalizações de aprofundamentos de conversa com Humberto Maturana e Ximena D’Ávila, mais diretamente, assim como com Claudio Yusta, mentor do meu grupo, no Curso Diplomado em Biologia Cultural, que concluí em julho de 2021.

Assim, depois de toda a conversa, imagino ter ficado claro que, quando penso em narrativas ou no ato de narrar, tenho em mente os pressupostos gerais, da dimensão trama



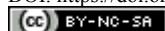
ecossistêmica complexa, de visão holística, remetendo à compreensão da ecologia profunda e sensível, como não poderia deixar de ser. Desse modo, venho propondo o termo ‘narrativas transpoieticas sensíveis’, como potente dispositivo de ‘entrelaços nós’, que açãoem a potência autopoietica para a Educação e a Ciência. Certa de que esses entrelaços também me possibilitem afirmar que sua constituição é complexa, decorrente do açãoamento de muitas substâncias, matérias e dimensões de imaterialidade quântica, ou seja, energias. Por isso mesmo, eles precisam ser trabalhados com suavidade, profundidade e intensidade recursiva, de ‘com-versações’ na dinâmica recorrente do sistema de coordenações condutuas consensuais de coordenações condutuas consensuais – e aqui a redundância é proposital e inspirada nos ensinamentos da Escola Matrística.

Ao mesmo tempo, comprehendo bem que precisam fluir espontaneamente como resultado do fluir entrelaçado de linguagear e emocionar, como nos ensinou Maturana. Desse modo, também em coerência à vinculação de uma vida inteira dedicada à narrativa e ao entrelaçamento com vários autores nesse universo de produção de ‘com-versações’, vou acreditando na possibilidade de uma produção que, constantemente, desafia o autor a uma escrita viva, pulsante, ética, produzida com esmero e com a compreensão da necessidade de entrelaçamentos de saberes, de códigos do inscrição, de ‘com-versação’ com outras áreas, seja a Literatura, a Pintura, a Fotografia, o Audiovisual.

Fica então um convite de açãoamento de usinas de narrativas autopoieticas, em que se possam açãoar ‘com-versações’ sobre os fluxos de afeto nessa espécie de ‘máquina abstrata’ que extrapola as materialidades da pesquisa. Também sobre os fluxos de afetos que tocam as pessoas e as conectam com sentimentos profundos, avassaladores, daqueles que dão sentido à vida. ‘Com-versações’ que nos ajudem a refletir sobre a Educação-Trama e a Ciência-Trama e que, assim, em meio aos laços e entrelaços dessas conversas-trama, seja possível açãoar a potência dos entrelaços ‘nós’, nós mesmos e os nós investigativos da Ciência para o Novo Mundo.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- BAPTISTA, M. L. C. **Comunicação: trama de desejos e espelhos**. Os metalúrgicos, a telenovela e a comunicação do sindicato. Canoas: ULBRA, 1996.
- BAPTISTA, M. L. C. Paixão pesquisa: o encontro com o fantasminha camarada. **Revista Textura**, Canoas, v. 1, p. 67-78, 1999a.



BAPTISTA, M. L. C. Psicomunicación y trama de subjetividades. Interfaces teóricas en la constitución de una investigación transdisciplinar. **Revista Latina de Comunicação Social**, v. 1, n. 16, p. 1, 1999b.

BAPTISTA, M. L. C. Emoção e desejo em processos de escrita rumo a uma educação autopoética. **Novos Olhares (USP)**, São Paulo, v. 1, n. 6, p. 18-25, 2000.

BAPTISTA, M. L. C. Emoção Subjetividade na Paixão-Pesquisa em Comunicação. **Revista OnLine Ciberlegenda**, v. 1, n. 4, p. 1, 2001.

BAPTISTA, M. L. C. O Avesso do Turismo como proposição de Sinalizadores para o Futuro. Reflexões ecossistêmicas sobre entrelaçamentos e processualidades do avesso das desterritorializações turísticas em seus saberes e fazeres. *In: SEMINÁRIO ANPTUR, 17., 2020. Anais [...]. [online], [S. l.]*, 02-04 dez 2020.

CAPRA, F. **O tao da física**. Um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1990.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. A ciência, a sociedade e a cultura emergente. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

CAPRA, F. **A teia da vida**. Uma nova compreensão dos sistemas vivos. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

CAPRA, F.; LUISI, P.L. **A visão sistêmica da vida**. Uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais econômicas. São Paulo: Cultrix, 2014.

CREMA, R. **Introdução à visão holística**. Breve relato de viagem do velho ao novo paradigma. São Paulo: Summus, 1989.

DÁVILA, X.; MATORANA, H. Eras Psíquicas de la Humanidad. En *Habitar Humano, en seis ensayos de Biología-Cultural*. Santiago, Comunicaciones Noreste Ltda, 2008.

DÁVILA, X.; MATORANA, H. **El árbol del vivir**. (J. Sáez, Ed.). Santiago: MPV Editores, 2015.

FERNANDES, I. **Memória da telenovela brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

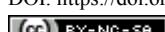
FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, S. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Cartografias do desejo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUATTARI, F. **Caosmose**. Um novo paradigma ético-estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, F.; DELEUZE, G. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: 34, 1995 [1997]. v. 5.



LIMA, E. P. Da escrita total à consciência planetária. *In: Criatividade e novas metodologias*. São Paulo: Petrópolis, 1998.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura. São Paulo: Manole, 2004.

LIMA, E. P. **Escrita total**. Escrevendo bem e vivendo com prazer, alma e propósito. São Paulo: Sistema Clube de Autores, 2009.

MARCONDES FILHO, C. **O Princípio da Razão Durante**. O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica. Nova Teoria da Comunicação III. São Paulo: Paulus, 2010. t. 5.

MATURANA, H. Biología del fenómeno social y ontología del conversar. De la biología a la psicología. (Luzoro, J; compilador). Santiago: Editorial Universitaria, 1995.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MATURANA, H. Conferencia el origen de la vida. *In: CONGRESO DEL FUTURO, 2017, Santiago. Anais* [...]. Santiago, Chile, 2017. Disponível em: <https://congresofuturo.senado.cl/video/Humberto-Maturana-Del-Micro-al-Macrocosmos-Origen-de-la-vida-en-la-tierra/01ccefa18bae14a6518bd5db2d511eed>. Acesso em: 10 ago. 2021.

MATURANA, H.; VARELA, F. El árbol del conocimiento. Santiago: Editorial Universitaria, 1984.

MATURANA, H.; VARELA, F. **De máquinas e seres vivos**: autopoiese e a organização do vivo. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MEDINA, C.; GRECCO, M. (org.). **Novo pacto da ciência**. A crise dos paradigmas. Seminário transdisciplinar. São Paulo: ECA-USP, 1990 [1991].

MEZAN, R. **Sigmund Freud**. A Conquista do Proibido. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MEZAN, R. **Freud**: a Trama dos Conceitos. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

MORIN, E. **Amor, poesia e sabedoria**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORIN, E. **É hora de mudarmos de via**: as lições do coronavírus. São Paulo: Bertrand Brasil, 2020.

PRIGOGINE, I. Ciência razão e paixão. *In: CARVALHO, E. A.; ALMEIDA, M. C. (org.). Ciência, Razao e Paixao*. Trad. Carvalho, E. A. e Isa Hetzel. Belém, Pará: Eduepa. 2001.

RESTREPO, L. C. **O direito à ternura**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. 2. ed. Porto, Portugal: Afrontamento, 1997.



SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis**. Afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

SODRÉ, M. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.

### Como referenciar este artigo

BAPTISTA, M. L. C. Amorosidade, autopoiese e ‘com-versações’: a potência dos ‘entrelaços nós’ na educação e na ciência. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 4, p. 2358-2378, out./dez. 2021. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v16i4.15676>

**Submetido em:** 01/08/2021

**Revisões requeridas em:** 25/09/2021

**Aprovado em:** 01/10/2021

**Publicado em:** 21/10/2021

